

Evento: XX Jornada de Extensão

O BRINCAR COMO BASE DO TRABALHO TERAPÊUTICO COM CRIANÇAS¹ **PLAY AS A BASIS OF THERAPEUTIC WORK WITH CHILDREN**

**Aparecida De Fátima Hortencio Siqueira², Ângela Maria Schneider Drügg³,
Luiz Felipe Vieira Amaral⁴**

¹ Relato de Experiência de Estágio Básico do Curso de Psicologia no ano de 2018

² Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí

³ Professora do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, Orientadora do Estágio Básico em Psicologia I, Doutora em Educação pela UFRGS

⁴ Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de apresentar e discutir uma experiência do curso de psicologia, realizado no Projeto Brincando no CAPSi. Neste projeto coordenamos um grupo onde se utilizava o brincar como base do trabalho terapêutico com crianças, onde elas brincavam em grupos ou individualmente e a partir disso eram feitas intervenções, sempre com intuito de que o brincar fluísse.

A psicanálise após Freud evoluiu e espalhou-se para outros campos não estudados pelo mestre. Entre estes temos o brincar, tema que foi inicialmente pesquisado e teorizado por Melanie Klein. Entre muitas discussões teóricas o cenário lúdico ganhou vida e o brincar passou a ter lugar nas salas dos analistas.

Depois de várias evoluções conceituais que aconteceram no campo do brincar, este passou a avançar para espaços fora da clínica psicanalítica tradicional. As Instituições que tem como finalidade o tratamento com crianças trouxeram o brincar para dentro dos seus trabalhos, que assim deixou de ficar restrito ao modelo clínico composto por analista e criança. Os centros de atendimento infantil começaram a implantar grupos terapêuticos, utilizando o brincar como recurso de expressão para o sofrimento psíquico da criança.

Segundo Freud (1976), o brincar é muito importante para o desenvolvimento infantil, ele tem a função de auxiliar a dominar as angústias, ou seja, ajuda a expressar e elaborar conflitos, ideias ou impulsos que produzem angústia. No momento em que a criança brinca, ela expressa sentimentos, comunica ideias e fantasias, fazendo uma ligação do real com o imaginário. Afirma-se assim, que o brincar tem função terapêutica.

Para Winnicott (1975), o brincar é indicador de saúde e do desenvolvimento do bebê. O prazer na brincadeira, é a garantia de saúde de quem brinca. Pode-se dizer que o brincar em Winnicott se situa entre dois campos propostos por Freud: a experiência psíquica, pessoal e interna de cada sujeito, e a realidade externa e compartilhada socialmente. Winnicott considera o brincar como sendo uma ponte entre a experiência psíquica e a realidade externa do sujeito. Ele

Evento: XX Jornada de Extensão

também nos chama a atenção para a sensibilidade que devemos ter ao ritmo da criança procurando respeitar o seu tempo individual, que é singular. Sugere ao terapeuta de crianças que o espaço de brincar tenha maior importância do que o momento das “árduas interpretações”. É no brincar, e talvez apenas no brincar, que as crianças fruam sua liberdade de criação.

METODOLOGIA

O grupo que estávamos encarregados de coordenar compunha-se de crianças com idade de 7 anos até 14 anos, que se reuniam semanalmente, com o objetivo de brincar livremente. As crianças frequentavam a instituição por diferentes motivos como: dificuldades de aprendizagem, problemas de relacionamento, medos, entre outros. Começamos o trabalho com um grupo composto somente por meninos, mas com o tempo foram agregadas meninas, tornando-se um grupo misto.

O número de crianças variava, pois o grupo era aberto para a entrada de novos membros, ao mesmo tempo em que algumas saíam por alta, transferência ou desistência.

Quando iniciamos o estágio, quem fazia o primeiro momento do dia do grupo era a Psicopedagoga da Instituição. Nós somente acompanhávamos. Algum tempo depois, em comum acordo com a equipe, fomos assumindo a coordenação de todo o trabalho.

No primeiro momento as crianças eram recepcionadas na sala de artes, em um grande círculo, onde falam livremente de sua semana. Logo após, solicitávamos para que desenhasssem sobre isso caso assim quisessem fazer; algumas desenhavam, outras preferiam utilizar o quadro. Em seguida, dava-se início às brincadeiras. Os jogos, por terem mais regras, percebíamos que as ajudavam na construção das relações sociais. Nas pinturas com tintas, nos recortes, deixando-as livres para criar, mostravam quem são e como se veem no mundo. Num segundo momento, após o lanche, levávamos o grupo para o pátio ou para os computadores, onde o brincar continuava. Não se tratava de um brincar dirigido, mas um brincar de livre escolha visando à construção do sujeito, onde foi possível perceber as aproximações por afinidades, os que conduziam as brincadeiras, os que sempre aceitavam tudo, sem muito contestar. Havia aqueles que tinham dificuldades de se incluir no grupo, que preferiam o silêncio. Ao acompanhá-los, pudemos ver as melhoras no comportamento de algumas crianças, em outras, temos a certeza que o seu momento, o de “despertar”, um dia vai chegar também! E o momento da alta, é a confirmação dessa construção diária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através deste grupo, as crianças foram estabelecendo vínculos, mas também houve aquelas que não conseguiram e acabaram sendo transferidas para outros grupos.

Evento: XX Jornada de Extensão

Um pequeno paciente que antes não sentava perto dos meninos, porque os achava chatos e mal educados, conseguiu chamar os colegas para conversar e ensinar como desenhar, atividade para a qual tem muita habilidade, sendo perceptível o prazer que sente ao desenhar os personagens de que gosta. No CAPS i ele pode desenhar livremente, e quando perguntado sobre o que aquele desenho quer dizer, trás nas falas as angústias que sente. Para ele, desenhar seria como um diário que não tem palavras, onde as imagens representam tudo o que está ali, latente em seu inconsciente.

Quando se oferece a possibilidade para que a criança crie, estamos permitindo que ela expresse tudo o que não consegue trazer em palavras. Nesta oferta, de criar livremente, oferecemos-lhe a vez de se colocar como alguém portador de um discurso, que ao invés de usar cadeias de palavras, usa o brincar, o desenhar, para se expressar.

Através deste menino outra criança começou a melhorar o seu relacionamento com os demais. Nos seus desenhos, os traços começaram a ficar mais representativos.

Observamos que as meninas são mais expressivas verbalmente do que por desenhos, falando abertamente quando se sentem incomodadas pelos meninos, seja na roda de atividades, ou no pátio, uma conversa de “desabafo” sempre aparece.

No construir de suas brincadeiras percebemos o lugar que a criança ocupa na família, ou como o social está se construindo na visão da criança. Lembrando que o brincar não é só um brincar pelo brincar, mas tem função terapêutica, buscamos construir juntamente com os pequenos pacientes meios para que consigam elaborar aquilo que está impresso em seus corpos em forma de sintomas. “Quando a criança brinca, busca representar algo, podemos dizer que luta por algo, e todos estes significados devem ser interpretadas para se chegar a ter acesso as mais profundas regiões de sua mente”. (ABERASTURY,1982,p.52)

No desenrolar das atividades propostas algumas crianças tinham dificuldades para brincar e isso exigia de nós, um esforço no sentido de incluir aquela criança, pois a maioria dos pequenos pacientes que participavam do grupo sofria com a exclusão frente ao olhar do Outro materno, que não havia conseguido colocar a sua sustentação em jogo. E não poderíamos admitir esta repetição, sendo nosso lugar o de sustentar uma posição de acolhimento.

Quando abrimos caminho para inclusão da criança no brincar, estamos lhe oferecendo um lugar ativo, em que pode construir cenas fantasiosas. Pensamos, neste momento, o brincar como um grande palco de teatro em que há um ator principal e um coadjuvante. O ator principal vai através de sua atuação, oferecer um lugar secundário ao coadjuvante, pois este tem que dar sentido aquele trabalho feito pela personagem principal da cena.

Se deslocarmos essa afirmação para “o brincar”, a criança tem o papel principal, de criar a cena e o Psicólogo, o de ator secundário que vai auxiliar a dar sentido, com sua atuação, à história do paciente. Em todos os encontros, nosso objetivo foi o de garantir espaço para que o brincar fluísse e assim possibilitar que as crianças desenvolvessem seu próprio roteiro de fantasias e aventuras, o que viria a resultar na elaboração de seus sintomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência neste estágio confirmou que por meio do brincar, a criança repete o que

Evento: XX Jornada de Extensão

viveu e ou está vivendo, surgindo a possibilidade de elaborar o que não pode ser rememorado e verbalizado. Constatamos que o brincar é uma atividade de suma importância para o desenvolvimento humano, o que de forma unânime consta na obra de todos os teóricos da área seja qual for a cultura da criança.

O trabalho dentro do CAPSi oportunizou conhecimento e uma relação com a teoria, visto que a clínica com crianças é sempre desafiadora. Ao acompanharmos cada criança, vibramos com suas aquisições e trabalhamos arduamente quando não conseguiam essas realizações. Verificamos que mesmo nos embaraços do corpo existe um sujeito, e que é preciso que ali onde não existam possibilidades de melhora, algo pode se modificar, quando se aposta em uma relação de transferência entre o estagiário e a criança.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. *Psicanálise com Criança-Teoria e Técnica*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1982.

FREUD, S. O poeta e o fantasiar. Edição Standart das Obras psicológicas completas de S. Freud, V. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

KLEIN, Melane. *Inveja e gratidão: e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1975.